

AS RELIGIÕES E EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE: DIÁLOGOS E INTERSEÇÕES

Rodrigo Oliveira dos Santos^{**}

Resumo:

O presente artigo destaca a importância e as contribuições das religiões na tanatologia no contexto contemporâneo e educacional, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e análise interpretativa da literatura temática. Constata-se, a partir das últimas décadas do século passado, o interesse pela discussão no meio acadêmico-científico, principalmente entre os profissionais de saúde, onde a educação para a morte tem sido assunto recorrente. No espaço educacional, entretanto, a abordagem tem sido assunto interdito, com poucos estudos direcionados aos profissionais de educação, evidenciando a fragilidade no cuidado frente à morte no contexto escolar, implicando nos processos de ensino e aprendizagem, assim como no trabalho docente. Nesse sentido, destaca-se o Ensino Religioso, com a leitura e decodificação do fenômeno religioso, permitindo não somente o diálogo, mas a interseção com as diversas áreas do conhecimento, já que para este componente curricular a morte e a vida caminham juntas.

Palavras-chave: Religião. Educação para morte. Tanatologia. Ensino Religioso.

Abstract:

This article highlights the importance and contributions of the religions in thanatology in the contemporary and educational context, using bibliographic research and interpretative analysis of thematic literature. Since the last decades of the last century, interest in the discussion in the academic-scientific realm, mainly among health care professionals, education for death has been a recurring subject. In the educational space, however, the approach has been as to a forbidden subject with few studies targeted at education professionals, highlighting the weakness of care in the sight of death in the school context and its implications for the process of teaching and learning, as well as the teacher's work. In this sense, religious education is emphasized, the reading and decoding of the religious phenomenon, enabling not only the dialogue but to intersection with the various areas of knowledge, since for this curriculum component life and death go together.

Keywords: Religion. Education for death. Thanatology. Religious Education.

^{*} Mestrando em Educação (PPGED/UFPA) na Linha de Pesquisa Educação: Currículo, Epistemologia e História. Bolsista da CAPES. E-mail: naumamos@yahoo.com.br.

Apresentação

As religiões e os mitos, como as primeiras formas de conhecimento elaboradas pelo homem, vêm acumulando o legado existencial frente ao mistério da vida, dando sentido a esta quando da noção da morte.

A morte, na maioria das religiões, demonstra a busca pela transcendência e sentido na superação da finitude humana diante do mistério da vida, quando (de)marcada por ela, por isso passou a ser encarada de diversas formas.

Desde a Idade Moderna busca-se superar essa dimensão existente no ser afastando deste qualquer tipo de contribuição desses conhecimentos na construção da nova sociedade que vai sendo projetada nos ideias iluministas, do qual a razão ocupa-se como dado supremo dos modelos cientificistas e tecnológicos.

As formas de superação passam a valorizar esses ideais e até se acredita na extinção do conhecimento religioso e mítico, mas isso de fato nunca ocorreu.

Apesar das enormes conquistas que alcançaram as sociedades com a industrialização, a consolidação do capitalismo e o desenvolvimento em alta escala das inúmeras tecnologias, no final do século XIX, o paradigma técnico-científico mundial até então endeusado, sofre com as invalidações de muitas teorias postas no pedestal, colocando em evidência as possibilidades do conhecimento com a crítica da razão.

É o período de constituição e consolidação de muitas ciências humanas, ainda em processo, chegando ao século XX ainda nos moldes da ciência moderna.

Tempo de crises e muitas dúvidas diante ao conhecimento, já que não há um modelo ou forma única a ser seguido, próprio do que muitos chamam de contemporaneidade.

Embora persistam as incertezas, a presença das religiões ganham novas configurações, em detrimento de um discurso que, no meu entendimento, é complexo, requerendo muito cuidado, como o a questão da separação Igreja e Estado, pois a Igreja ou “a religião” até então combatida na constituição do pensamento moderno e atual se contrapõe ao pensamento cristão, sem encontrar nesses discursos polemizados outras formas de conhecer.

Nesses termos, o legado acumulado pelas religiões está para além desta ou da outra vida, ou como se queira acreditar; o importante é não negligenciar a sua participação e influencia na vida e na morte humana.

As religiões diante da finitude

As religiões e os mitos, desde sempre, têm ocupado lugar de destaque perante a morte, ou seja, diante da sua tomada de consciência, do seu fim iminente.

Esse lugar, inicialmente postulado como conhecimento existencial-explicativo assegura certo conforto, na medida em que, a experiência mítica (re)significava a existência humana, nas diversas sociedades apontado o caminho a ser seguido:

Os mitos de todas as sociedades tentam assegurar que nós não morremos mortes destituídas de significado. Eles tentam dar uma via de acesso ao processo de morrer, de modo que não sejamos arrebatados pelo desespero diante da falta de significado. Para aqueles que encontram sentido nos mitos, eles oferecem um modo social de morrer. E para aqueles que não podem ou não têm uma vaga ideia da possibilidade de um modo próprio de morrer, oferecem um caminho. Desta maneira, o mito procura fornecer a cada indivíduo um modo do seu próprio fim¹.

Acredita-se que essa tomada de consciência seja responsável pela concepção da vida após a morte presente nos diversos sistemas de crenças, dos mais complexos aos mais simples, já que a vida não poderia ser privada de sentido, a morte, além de (re)significá-la com a sua constante presença representaria a possibilidade para se viver melhor.

Essa consciência tem lançado o homem à transcendência e nela, de diversas formas, ele tem encontrado sentido existencial para encará-la sem indiferenças, além de estruturas próprias que passam a orientar toda a sua vida, pois “A crença em divindades e numa outra vida após a morte define o núcleo da religiosidade e se exprime na experiência do sagrado”.²

Essas estruturas próprias, ou seja, as diferentes concepções na pós-morte presentes nas diferentes religiões tornam-se determinantes na orientação da vida dos diversos grupos sociais com a experiência da religiosidade. Não há como dissociá-la dessa tomada de consciência que passa a acompanhá-los, pois essa experiência tornou-se uma constante por significados nas diferentes sociedades:

Vimos que o sentimento religioso e a experiência da religião são inseparáveis da percepção da nossa mortalidade e da crença em nossa imortalidade. Toda religião, portanto, explica não só a origem da ordem no

¹ KELEMAN, Stanley. **Viver o seu morrer**. Trad. Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1997. p. 22.

² CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010. p. 316.

mundo natural, mas também a dos seres humanos e lhes ensina por que são mortais e que podem ou devem esperar após a morte.³

Dessa forma, os diversos sistemas de crenças passam a ter uma função primordial na existência das primeiras sociedades, não perdendo completamente essa função na contemporaneidade, haja vista que a experiência da religiosidade continua presente sob os mais diferentes enfoques:

Por acreditarem firmemente numa outra vida – que pode ser imediata, após a morte do corpo, ou pode exigir reencarnações purificadoras até o espírito ou a alma alçar-se à imortalidade –, as religiões possuem ritos funerários, encarregados de preparar e garantir a entrada do morto na outra vida. O ritual fúnebre limpa, purifica, adorna e perfuma o corpo do morto e o protege com a sepultura. Pelo mesmo motivo, além dos ritos funerários, os cemitérios, na maioria das religiões e particularmente nas africanas, indígenas e ocidentais antigas, eram lugares consagrados, campos santos, nos quais somente alguns, e em certas condições, podiam penetrar.⁴

Nesses termos, as religiões continuam expressivamente presentes até os dias atuais, tão marcados pelas incertezas, elas remetem a devida segurança diante das perdas significativas que marcam nossa vida:

A morte daqueles que amamos e a iminência da nossa morte estimulam a crença e o respeito da imortalidade ou de algum tipo de continuidade da vida, como a reencarnação. Por isso, o recurso à fé religiosa aplaca o temor diante do desconhecido, oferece um conjunto de convicções que orienta o comportamento humano diante do mistério e prescreve maneiras de viver para garantir melhor destino à alma. Desse modo, a angústia da morte leva à crença no sobrenatural, no sagrado, na vida depois da morte.⁵

Nesse sentido, compreender a importância das religiões perante a morte implica no reconhecimento do lugar ocupado por elas na vida de bilhões de pessoas no mundo hodierno assegurando acolhida e uma vida mais responsável:

As religiões têm um papel muito importante para a humanidade, principalmente quando o sofrimento e a dor se fazem presentes, oferecendo acolhida e reflexão nestes momentos, orientando para uma vida responsável, garantido uma vida plena de felicidades. De uma forma ou de outra, todas estão relacionadas com o sentido da vida, liberdade, justiça e direcionamento da consciência.⁶

³ CHAUI, 2010, p. 322.

⁴ CHAUI, 2010, p. 322.

⁵ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia – volume único. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009, p. 96.

⁶ KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: FAPESPA, 2003a, p. 185-186.

Em outras palavras, as religiões, ao mesmo tempo em que oferecem sentido e orientação para a vida e a morte, dispensam sobre aqueles que sofrem com as perdas o sentimento de esperança diante da possibilidade da continuidade da vida onde a morte é mais vista como a porta de abertura para algo bem maior.

A interdição da morte na contemporaneidade

No tempo atual, mas precisamente no final do século XIX, a atitude humana perante a morte torna-se interdita, pois:

Durante um longo período que percorremos, desde a Alta Idade Média até a metade do século XIX, a atitude diante da morte mudou, porém de forma tão lenta que os contemporâneos não se deram conta. Ora, há mais ou menos um terço do século, assistimos a uma revolução brutal das ideias e dos sentimentos tradicionais; tão brutal, que não deixou de chocar os observadores sociais. Na realidade, trata-se de um fenômeno absolutamente inaudito. A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição.⁷

Essa compreensão é marcada pela forma estereotipada com qual a morte passou a ser vista na sociedade contemporânea que, sob a orientação capitalista e cientificista nos moldes positivistas e materialistas, onde não há espaço para reflexão dessa dimensão do ser:

Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas.⁸

Essa interdição é uma marca do nosso tempo e alcança todos os conhecimentos produzidos e no seu processo de aquisição dos mesmos por meio da educação é fortemente marcada pela negação dessa abordagem, ou seja, na escola e na formação de professores.⁹

⁷ ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 84.

⁸ MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 15.

⁹ KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003b; KOVÁCS, 2003a; ID. **Desenvolvimento da tanatologia**: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2008, vol.18, n.41, pp. 457-468. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a04.pdf>; ID. **A morte no contexto escolar**: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, Maria Helena Pereira et al. Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: SUMMUS, 2010.

A educação e a educação para a morte

A educação brasileira (educação básica e superior), de um modo geral, não tem considerado em seu desenvolvimento a educação para a morte.¹⁰

Kovács destaca que,

Em pesquisa bibliográfica praticamente não encontrei referências sobre a questão da morte associada ao contexto educacional e à formação de educadores; por outro lado, em minha experiência profissional, encontro sempre a denúncia dessa lacuna por parte de professores – ausências mais intrigantes por sabermos todos o quanto a morte está presente no universo escolar, pelas perdas que acontecem na vida de crianças e adolescentes e pela via de morte escancarada, com a violência, repentina, brusca e para a qual é muito difícil se encontrar proteção.¹¹

Nesse espaço, segundo a autora, além da morte interdita, devido à proibição dessa abordagem vista como tabu, está presente a morte escancarada, decorrente da violência.

As principais produções acadêmico-científicas nessa temática não provêm dos profissionais de educação, dos sistemas de ensino, muitos menos dos dispositivos legais que orientam e regulam a educação básica e superior, mas dos profissionais de saúde, na sua maioria, tendo em vista o adoecimento pelo qual vem passando alunos, professores e suas famílias, diante desse fenômeno universal que é a morte, com as perdas significativas, implicando diretamente no processo de ensino e aprendizagem.¹²

Essa preocupação direcionada à educação no país tem acompanhado vários pesquisadores, sendo iniciada por Wilma da Costa Torres (1934-2004) e José Herculano Pires (1914-1979), e recentemente por Maria Júlia Kovács, Franklin

INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana. **A educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade.** In: SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer – visões plurais: volume 3.** Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010, p. 15-29.

SANTOS, Franklin Santana. **A tanatologia e a universidade.** In: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer – visões plurais: volume 1.** Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009, p. 289-303.

INCONTRI & SANTOS, 2011. INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana. **As leis, a educação e a morte: uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil.** International Studies on Law and Education. CEMOrOc-Feusp/IJI-Univ. do Porto, n. 9, p. 73-82, set.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle9/73-82Dora.pdf>.

¹⁰ INCONTRI & SANTOS, 2011; KOVÁCS, 2010.

¹¹ KOVÁCS, 2003b, p. 44.

¹² KOVÁCS, 2003a, 2003b, 2010; INCONTRI & SANTOS, 2010; SANTOS, 2009; INCONTRI & SANTOS, 2011.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.197-207

Santana Santos, Dora Alice Colombo, mais conhecida como Dora Incontri, e Alessandro Cesar Bigheto, principalmente.

Segundo esses autores, a morte tem alcançado esse ambiente de diversas formas colocando em evidência o tipo de educação que vem sendo desenvolvida nas escolas brasileiras que priorizam os pressupostos da vida cidadã e do mundo do trabalho tomando a vida como instância única e suficiente da prática educativa, escamoteando a morte e tudo aquilo que a ela faz referência.

A estranheza com a qual é tratada e a indiferença diante da sua iminente presença tem privado o homem do autoconhecimento e da busca de sentido durante sua existência, passando por esta sem tê-la notado.

Importante para essa reflexão na educação básica para “subsidiar o educação na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informado”¹³ destaca-se o componente curricular Ensino Religioso (ER), na (re)leitura dessa dimensão humana, pois:

O Ensino Religioso, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilita a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam, subjacentemente, o processo histórico da humanidade.¹⁴

Segundo seus PCNER, o ER ao situar seus critérios para organização e seleção dos conteúdos e objetivos da disciplina baseada nas diversas respostas norteadoras para o sentido da vida após a morte “a reencarnação, a ressurreição, a ancestralidade e o nada”¹⁵, confirma a contribuição desse componente educacional uma educação para a morte.

Embora ainda persistam muitas incongruências com relação a sua compreensão e efetivação no espaço escolar, devido à falta de compromisso político dos sistemas/instituições de ensino e do MEC, o ER assumido com o pressuposto das Ciências da Religião e da educação tem muito a contribuir com a formação integral do cidadão, sem interferir com o Estado laico.¹⁶

¹³ FONAPER. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros curriculares nacionais ensino religioso**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009, p. 47.

¹⁴ PCNER, 2009, p. 46.

¹⁵ PCNER, 2009, p. 49.

¹⁶ CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. São Paulo: Vozes, 2011, p. 268-271; PASSOS, João Décio. **Ensino religioso**: construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas, 2007; SOARES, Afonso M. L. **Religião & educação**: da ciência da religião ao ensino religioso. São Paulo: Paulinas, 2010.

Acerca da importância da religião para a formação cidadã e para educação para a morte, tem sido objeto recorrente de muitos pesquisadores, sob os mais diferentes enfoques, como podemos conferir nas obras *A arte de morrer: visões plurais*, organizados por Dora Incontri e Franklin Santana Santos¹⁷, o primeiro volume e o segundo e terceiro pelo último.

Para os autores, a educação para a morte nos diversos campos de atuação formal ou informal, isso não exclui a educação, requer uma abordagem plural e inter e multidisciplinar, considerando tantos os pressupostos acadêmico-científicos como religiosos, artísticos, culturais, dentre outros.

Essa forma multidisciplinar de analisar esse fenômeno na educação, respeitando os critérios e objetivos para cada série/ano, aproxima-se das CR, até então defendida como área referencial para a formação docente no ER e se apresenta como espaço privilegiado nessa perspectiva e como um campo promissor de pesquisas nessa temática.

Nesse sentido,

Educar, incluindo na educação a dimensão da transcendência humana, é educar para nos livrarmos do medo da morte. E nos livramos do medo da morte é nos livrarmos do medo da vida. Porque viver com a perspectiva permanente da precariedade da existência, do risco sempre presente de perda definitiva de nós mesmos e daqueles que amamos, é assumir uma angústia muitas vezes insuportável. Alguns, como Nietzsche e Heidegger, acham que isso é ser forte e autêntico. Ainda que apresentemos às novas gerações a perspectiva do nada, como uma possibilidade em que alguns *acreditam* – porque não passa de *crença* – temos o dever de transmitir e elas têm o direito de conhecer, a perspectiva da eternidade. Fazendo isso de maneira respeitosa, não-doutrinante e na base do diálogo, da pesquisa e da pluralidade, estaremos educando de fato para a morte.¹⁸

Considerações finais

Nossa intenção com esta comunicação, além de evidenciar o espaço privilegiado que as diferentes religiões ocupam perante o fenômeno da morte, ou melhor, da pós-morte, buscou estabelecer diálogos e interseções com este

¹⁷ INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer: visões plurais** – volume 1. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009.

SANTOS, Franklin Santana et al.. **A arte de morrer: visões plurais** – volume 2. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009.

SANTOS, Franklin Santana et al.. **A arte de morrer: visões plurais** – volume 3. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010.

¹⁸ BIGHETO, Alessandro Cesar; INCONTRI, Dora. **A religiosidade humana, a educação e a morte**, p. 35. In: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer** – visões plurais: volume 1. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009, p. 26-35.

conhecimento na contemporaneidade a partir da Tanatologia, ciência que se configura neste período como a proposta de instrução e reconhecimento dessa dimensão inerente à vida, sem o objetivo de exaurir tal discussão.

As religiões, de um modo geral, elaboram seus sistemas de crenças em torno desse fato, orientando à vida de seus adeptos em todos os seus aspectos, tanto individual como coletivo, não deixando de exercer influências sobre a sociedade.

Tal fato pode ser conferido pelas discussões estabelecidas em torno do texto, pois a religião ao atribuir significado à vida, estabeleceu diversos parâmetros de como vivê-la da melhor forma possível, já que a morte seria a sua companheira sempre esperada, ou melhor, a morte para as religiões dotam a vida de sentido ao afirmarem que esta jamais poderá ser habitada sem o seu conhecimento, sem a sua presença.

A presença iminente da nossa morte nos lança à transcendência e a necessidade da compreensão da finalidade existencial, na superação da nossa finitude.

Nesse empreendimento, marcado pelo mistério, seguido pelo medo, pela insegurança e pela angústia na educação de tal dimensão da nossa existência, pode ser compreendida a partir das várias respostas elaboradas pela humanidade e abordadas de forma inter e multidisciplinar atendendo a *formação comum*, no currículo da educação básica, onde o ER pode muito bem contribuir.

As acepções dadas à morte e a pós-morte nesse componente curricular é organizado em torno da ressurreição, a reencarnação, a ancestralidade e o nada e demonstram importância do ER na a educação para a morte, sem os pressupostos da fé e da religiosidade.

Entendemos esses pressupostos como dados socioculturais presentes em todos os tempos e espaços, assim como na sociedade contemporânea, e como tal, demonstram que essa dimensão integra a existência humana, logo precisa ser educada nos parâmetros do nosso tempo.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia – volume único**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BIGHETO, Alessandro Cesar; INCONTRI, Dora. **A religiosidade humana, a educação e a morte**. In: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer – visões plurais: volume 1**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009, p. 26-35.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. São Paulo: Vozes, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

ESTEBAN, M. Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Trad. Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FONAPER. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros curriculares nacionais ensino religioso**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009, p. 47.

INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer – visões plurais: volume 1**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009.

INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana. **As leis e a morte – uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil**. International Studies on Law and Education. CEMOrOc-Feusp/IJI-Univ. do Porto, n. 9, p. 73-82, set.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle9/73-82Dora.pdf>.

_____. **A educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade**. In: SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer – visões plurais: volume 3**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010, p. 15-29.

KELEMAN, Stanley. **Viver o seu morrer**. Trad. Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1997.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

_____. KOVACS, Maria Julia. **Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2008, vol.18, n.41, pp. 457-468. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a04.pdf>

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.197-207

_____. **A morte no contexto escolar**: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, Maria Helena Pereira et al. *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: SUMMUS, 2010.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PASSOS, João Décio. **Ensino religioso**: construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANTOS, Franklin Santana. **A tanatologia e a universidade**. In: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer – visões plurais: volume 1**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009, p. 289-303.

_____. **Tanatologia, a ciência da educação para a vida**. In: SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer – visões plurais: volume 2**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009, p. 13-36.

SANTOS, Franklin Santana et al. **A arte de morrer – visões plurais: volume 2**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009.

_____. **A arte de morrer – visões plurais: volume 3**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010.

SOARES, Afonso M. L. **Religião & educação**: da ciência da religião ao ensino religioso. São Paulo: Paulinas, 2010.